

## **Silêncio Epidemiológico na Petroquímica: Informação e Comunicação em Saúde no Polo De Camaçari - Bahia<sup>1</sup>**

Karina de Souza COSTA<sup>2</sup>  
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

Este artigo trata da natureza interdependente entre a Informação e Comunicação em saúde no jornalismo, observando conceitos como dependência, mediação e intervenção quando se trata da construção, disponibilidade e acesso a informações sobre pessoas expostas ao benzeno (composto aromático reconhecido por causar danos à saúde humana), no Polo Industrial de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador, Bahia. Serão discutidos modelos de comunicação e o papel da informação na construção e viabilização de pautas jornalística, tomando o jornalismo como mediador e construtor de sentidos sociais.

**Palavras-chave:** benzeno, saúde, Camaçari, comunicação e informação.

### **1 – INTRODUÇÃO: TEMA**

Entre 1890 e os anos 2000, a produção industrial cresceu 40 vezes no mundo e a poluição do ar cinco vezes, enquanto espécies de fauna e flora foram desaparecendo (FREITAS e PORTO, 2006. p. 56). Destaca-se nessa produção o papel da indústria química e ao longo dos anos o Brasil chegou ao status de sétimo país em produção química no mundo, com geração de lucros líquidos em torno de 130 bilhões de dólares, em 2010, segundo a Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUIM). Dentro desse segmento produtivo encontra-se a petroquímica, base de produção da chamada Química dos Novos Materiais.

A petroquímica se resume ao setor produtivo que utiliza a nafta e o gasóleo, ambos derivados do petróleo. Para se ter uma ideia da presença dos petroquímicos no país, o Brasil obteve, em 2004, o faturamento líquido de 59, 4 bilhões de dólares originados da produção e comércio de “produtos químicos industriais; produtos farmacêuticos; produtos de higiene

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas da Intercom, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde-Fiocruz, email: [karinacfiocruz@gmail.com](mailto:karinacfiocruz@gmail.com)

peçoal, perfumaria e cosméticos; defensivos agrícolas; adubos e fertilizantes; tintas e vernizes; produtos de limpeza; fibras artificiais e sintéticas” (id. Ibid, 2006. p. 99).

Foi por meio da petroquímica que matérias-primas naturais como madeira, couro, ceras, vidro e outros foram substituídas pelos polímeros sintéticos. A petroquímica está na base da sociedade contemporânea. Essa é apenas umas das centenas de afirmativas herdadas do modelo de desenvolvimento adotado a partir da Revolução Industrial. No Brasil, a indústria petroquímica amplia seus passos com a criação de um polo no Nordeste do País, no final do anos 70 e este polo será o objeto de estudo desse trabalho.

Mas se por um lado a petroquímica trouxe inovação, a exposição aos seus insumos fomenta discussões e pesquisas científicas no que tange à saúde humana. Conquanto, espera-se que este assunto esteja sendo levado ao público pelos meios de comunicação, sobretudo, pelo jornalismo cuja função social é garantir o direito à informação a todos. Por isso, uma discussão que reúna informação e comunicação em questões ambientais resultantes do modo de produção capitalista e que culminam no adoecimento humano, parece-nos muito importante para pensar políticas públicas que produzam uma sociedade mais ambientalmente mais justa, ou pelo menos, com pessoas com maior possibilidade de intervir na **esfera política** – e a informação e a comunicação seriam as apostas desse trabalho para essa capacidade de intervenção.

## 1.2. POLO INDUSTRIAL DE CAMAÇARI: O OBJETO DE ESTUDO

O nosso objeto de estudo tem como marco histórico a implantação em junho 1978 da estatal Copene (Companhia Petroquímica do Nordeste), no município de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador, Bahia. Localidade que até aquele momento não possuía condições logísticas para receber empresa de tamanho porte. Esse é o primeiro passo para a construção efetiva do atual Polo Industrial de Camaçari, que por anos chamou-se Polo Petroquímico de Camaçari (OLIVEIRA, 2004).

A instalação de um complexo industrial no Nordeste se deveu a uma vontade política do regime militar de descentralizar a economia do País. Esse novo empreendimento foi cobiçado pelo Polo de Cubatão, em São Paulo, o qual não obteve êxito. Optar pelo Nordeste requeria mais investimento por parte do governo federal, mas os ganhos políticos eram maiores para os agentes políticos à época. Em Camaçari, iniciava-se uma nova conformação da indústria brasileira (id. Ibid., 2004).

O Polo foi inaugurado sob a gestão do governador, à época, Roberto Santos, e

recebeu o nome de Polo Petroquímico de Camaçari. Esse complexo de indústrias está situado a 45 quilômetro de Salvador, ao sul do município que o nomeia e ao norte do município de Dias d'Ávila – cidade que se emancipou de Camaçari em 1988. Como já dito, a principal organização, à época, era a estatal Copene, que, em 2001, foi vendida para a uma sociedade formada pelos grupos Odebrecht e Mariani, ambos baianos, ganhando o nome de Braskem S/A. Hoje, os ativos dessa empresa giram em torno de R\$ 12 bilhões, segundo o COFIC (Comitê de Fomento Industrial de Camaçari). Passados 37 anos da inauguração, o conglomerado agora se chama Polo Industrial de Camaçari e contempla 90 empresas.

O COFIC, representante de 60 das 90 empresas que estão atualmente instaladas na área do Polo, aponta que são 15 mil empregos diretos, 30 mil por terceirizações, além de toda cadeia produtiva alimentada pela indústria no comércio, bares, restaurantes e hotéis. Cerca de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia está atrelado ao Polo e para o município de Camaçari o complexo gera cerca de 90 % da arrecadação tributária, a qual estava em torno de R\$ 149 milhões, no ano de 2011, segundo a SEI (Superintendência de Estudos Econômico e Sociais da Bahia).

### 1.3. BENZENO: O RECORTE

A produção científica em saúde sobre o objeto de estudo conduziu-nos ao Benzeno como elemento de investigação que reúne saúde meio ambiente (ver tabela 1). Os estudos encontrados sobre o município que correlacionam esses aspectos, preponderantemente, falam do Benzeno. Trata-se de um composto aromático incolor utilizado na siderúrgica e na petroquímica na produção de tintas e vernizes e etc, adicionado à gasolina, ao etanol, está na composição de produtos de limpeza e também em refrigerantes e, de acordo com a CNI (Confederação Nacional da Indústria), cerca de 700 mil trabalhadores lidam com este produto no Brasil, em 2014. A International Agency for Reseacher of Cancer define o Benzeno como substância do grupo 1, ou seja, comprovadamente cancerígena cuja principal ação se dá sobre a medula óssea (órgão instalado entre os ossos chatos e é o principal produtor de sangue) e pode resultar em doenças como Leucemia e Linfoma. Não há nível de exposição segura ao produto.

Palavras-chave	SciELO	Capes	Bireme
Camacari and saude	7	23	30
Camacari and ambient*	4	13	25

Tabela 1. Produção científica em saúde sobre o Polo de Camaçari

Desde o final do século XIX, com a Revolução Industrial esse produto passou a ser utilizado na indústria e em 1920 ganharam repercussão casos de adoecimento que estariam ligados à exposição a este produto. No Brasil, a Política do Benzeno se inicia em 1980 quando movimentos sindicais junto ao movimento de Reforma Sanitária, que emergia no Brasil, e motivados por uma epidemia de benzenismo levam ao público o adoecimento de três mil trabalhadores nos Polos do Brasil. Em 1983, o Brasil assina um acordo entre o Ministério da Saúde e o Ministério do Trabalho e Emprego determinando que os produtos acabados, ou seja, aqueles prontos para o consumo, teriam no máximo 1% de Benzeno em sua composição (MESQUITA e et al. 2003).

O Poder Público e os sindicatos dialogam na medida em que o País está em processo de redemocratização. A luta pela não exposição ao Benzeno é tratada do ponto de vista ocupacional e faz parte da estruturação desse campo de produção científica em Saúde que é a Saúde do Trabalhador. Entre 1983 e 1993, uma série de congressos vão formar a base dos acordos que o governo vai firmar e cujos objetivos são a redução à exposição, a partir da metade dos anos 90. Em 28 de setembro de 1995, o Brasil assina o Acordo Nacional do Benzeno que institui a retirada total de Benzeno de vários produtos, até 1997, dentre eles de limpeza e higiene pessoal (como shampoos e loções de barbear) (BRASIL, 2005).

O Acordo do Benzeno, como ficou conhecido, cria instrução para que o INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) repasse informações de afastamento por Benzenismo (danos às células sanguíneas que pode levar a outras doenças oportunistas) ao Ministério do Trabalho e ao SUS (Sistema Único de Saúde). O Acordo institui a realização de exames de hemogramas completos entre os trabalhadores, com periodicidade anual ou semestralmente (de acordo com o posto ocupado) e exame de urina para detecção de danos aos Leucócitos e presença de Benzeno, respectivamente. O Acordo prevê que as ações devem ser feitas pelo Ministério da Saúde, pelo Ministério do Trabalho, pelas Empresas, Sindicatos e Trabalhadores de modo que seja feita a vigilância em saúde do trabalhador. Este acordo foi discutido na Conferência Nacional de Saúde de 2003 e revisado em 2005 (id. *ibid*, 2005).

Contudo, o trabalho que se deseja realizar nesta dissertação necessita encontrar uma fonte onde estão essas informações, relativas à indústria petroquímica em Camaçari, situação que pode estar mascarada por diagnósticos imprecisos e a subnotificação. Há,

então, o “silenciamento epidemiológico da petroquímica” e é sobre esse silenciamento que se pretende debruçar-se. A informação em saúde, ou a falta delas no noticiário baiano, é o pano de fundo desse trabalho.

## 2. COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: INTERDEPENDENTES

O trabalho que estamos tentando construir exige um esforço teórico para compreender o lugar da Informação na Comunicação. “Este esforço reside na evidência de que Informação e Comunicação interferem diretamente no modo de entender, registrar e intervir no mundo”, escrevem as professoras Ida Regina Stumpf e Maria Helena Weber (2009. p. 122). Para compreender a tecitura desse terreno em se situa a interface Informação e Comunicação as autoras nos falam em três aspectos: **Dependência**, **Mediação** e **Intervenção**.

Tomemos as seguintes explicações sobre esses dois lados de uma mesma moeda: a Comunicação é o “processo através do qual os indivíduos em relação aos grupos, organizações e sociedades criam, transmitem e usam informação para organizar a informação com o ambiente entre si”(RUBEN, 1984, apud SARACEVIC, 1996. p. 53 ). Aldo de Já Albuquerque Barreto (2002), citando *A Condição Humana*, da Hanna Arendt (1993), diz que a Informação dá sentido ao mundo, nos vincula a ele, nos relaciona, fazendo-nos compreender os processos que compõem essa “aventura individual” que é a vida.

Porém, faz-se necessário apresentar o fluxo das informações e as **comunidades discursivas** participantes desse fluxo para entender ou vislumbrar inicialmente como se dão as negociações de informações no que diz respeito ao Polo Industrial de Camaçari. Inesita Araújo Soares (2004) define comunidades discursivas como “grupos de pessoas, organizados, ou não de forma institucional, que produzem e fazem circular discursos, que neles se reconhecem e são por eles reconhecidos.

Como dito anteriormente, o Polo Industrial é um espaço que produz impacto ambiental, de tal modo que as Licenças Ambientais para instalação são liberadas pelo INEMA (Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos). Coube a Cetrel (Central de Tratamento de Efluentes Líquidos), até 2014, o papel de monitorar, tratar e eliminar resíduos líquidos, sólidos e gasosos provenientes das atividades do Polo. Dessa maneira, a CETREL produzia informações em relatórios técnicos, com aparato de máquinas, biólogos

e engenheiros. Esses relatórios são entregues ao Polo, personificado pelo COFIC (Comitê Fomento Industrial de Camaçari), esta entidade privada que se relaciona com a Prefeitura Municipal, a qual tem como espaço de fala a Assessoria de Comunicação, que por sua vez possui site próprio e também envia releases para sites, blogs, rádios, emissoras de TV e Rádios e jornais impressos. É importante lembrar que podem existir entre essas dissonâncias de sentidos uma vez que o COFIC possui Assessoria de Comunicação, site próprio, e envia informações diretamente aos veículos de comunicação. Essas informações são reverberadas, ou não, pela imprensa.

Por outro lado, a imprensa pode ouvir outras vozes: Sindicatos e Pesquisas Científicas, as quais contrastam ou não com o que é informado pelo Poder Público. Em qual desses espaços constaria o Benzeno? E como ele é apresentado? Que vozes são ouvidas e o que dizem? O que essas informações sobre o produto e o que permitem inferir? Em que medida essa comunicação poderia contribuir para o empoderamento da população e construção de políticas públicas em Saúde e Meio Ambiente para município com Polos e relações sociais semelhantes? No quadro abaixo é possível visualizar espaços de troca, negociação e emissão de informações.

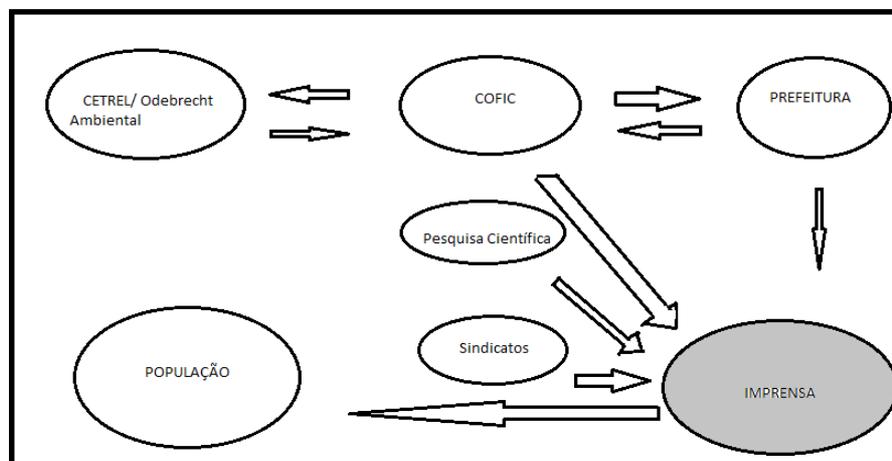


Figura 1. Fluxo de informação e espaços de comunicação sobre o Polo de Camaçari

## 2.1.DEPENDÊNCIA: DIMENSÕES POLÍTICAS E PRÁTICAS

A dependência é compreendida como a relação entre as características quantidade, armazenamento, capacidade de recuperação e acessibilidade de uma informação e seus resultados na produção científica, que tem como mediador a comunicação (STUMPF e WEBER, 2009. P. 131).

Para identificar essa natureza dependente existente entre Informação e Comunicação é preciso compreender de que modo a informação se movimenta, torna-se conhecimento e responde por uma produção de sentidos que exerce essa função tão singular de dizer ao homem a que viemos e para onde vamos? Existe na natureza da Informação e Comunicação uma intrínseca interdependência. De tal modo que “A informação só existe quando é comunicada e comunicação não existe sem informação” (STUMPF e WEBER, 2009. p. 122).

Quando pensamos no objeto em estudo, a dependência diz respeito à organização, produção, disponibilidade e o acesso às informações em Meio Ambiente e Saúde produzidas no Polo Industrial de Camaçari e de seus insumos, evidenciada nos noticiários e como está disponibilizada para a produção de notícia. De que modo a falta ou dificuldades de acesso às informações corroboram para o “silenciamento epidemiológico” de que se fala nesse trabalho? Esta é uma pergunta que deve ser respondida ao longo da dissertação e que justamente vai expor a interdisciplinaridade do trabalho.

Antes, é necessário frisar que o acesso à informação em saúde é importante para a redução das iniquidades em saúde, para a tomada das decisões políticas, e precisa ser visto como prioridade na agenda política. A informação precisa estar disponível considerando preço, plataforma tecnológica, idioma e etc (GUIMARÃES e SILVA, 2011). Na construção do Acordo Nacional do Benzeno, em 1995, foi instituído o SIMPEAQ (Sistema de Monitoramento de Pessoas Expostas aos Agentes Químicos) e este sistema deveria estar acessível, para a produção de notícia, fortalecendo o cumprimento desse papel de vigilância social do jornalismo (GOMES, 2009) e ajudando a reduzir essa iniquidade em saúde que é falta de informação.

O pesquisador Valdir Oliveira (2004) cita Gabriel Cohn (2000) para definir as diferenças entre Informação e Comunicação. Oliveira vai nos dizer, ao citar os exemplos dos conselhos de saúde, que a Informação tem caráter excludente, pretende limpar ruídos, mito, impor barreiras e não permite negociação. Neste trabalho, no entanto, o acesso à informação sobre pessoas expostas ao Benzeno e a abordagem sobre este produto na pauta de saúde seria de natureza inclusiva. Agindo não somente na redução das incertezas, mas suscitando novos questionamentos. Mas para a informação existir é preciso que seja comunicada e para comunicar é preciso de um espaço de produção de sentidos e é sobre este espaço que falaremos a seguir.

### 2.3. MEDIAÇÃO: DIMENSÃO TEÓRICA-EPISTEMOLÓGICA

A mediação é o processo de comunicação, ou é a própria comunicação em si dessas informações (STUMPF e WEBER, 2009). No entanto, essas informações são produzidas por comunidades discursivas e que precisam ser analisadas pelos contextos que lhe são próprios e por suas **posições discursivas**, as quais diz respeito às desigualdades existentes entre interlocutores quanto às condições de produção, circulação e consumo de discursos sociais no mercado simbólico, conceito que entende a comunicação como um processo baseado na interlocução e na negociação de sentidos (ARAÚJO, 2009. p. 44). Neste mercado, a posição na espiral da produção de sentidos sociais depende da relação que a comunidade discursiva participante possui com a propriedade dos meios, sua condição econômica (contexto existencial) e o lugar que o “interlocutor ocupa na topografia social e institucional (contexto situacional)” (ARAÚJO, 2004. p. 172).

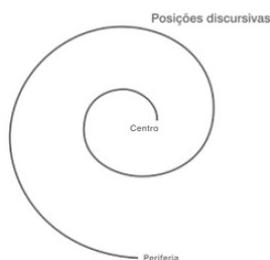


Figura 2. Espiral da Posição Discursiva

O modelo de comunicação do mercado simbólico também lembra a importância da circulação da informação para a construção dos sentidos sociais. “Quem consegue fazer circular os seus sentidos? Quem consegue ser ouvido?” são perguntas que a autora faz e que são importantes para entender esse mercado. Respondendo, inclusive, porquê se chama mercado simbólico. Ele se faz importante porque considera as diferenças daqueles que comunicam, levando em conta fatores sociais, econômicos e culturais nos quais estão envolvidos os interlocutores, os chamados contextos, e diante do objeto e tantas relações assimétricas dessas comunidades discursivas, o mercado simbólico atende demandas primordiais dessa análise que se pretende ser feita. Para estas questões a autora diz:

“No mundo simbólico, nada assume existência antes de ser posto em circulação. É a circulação que confere existência aos produtos simbólicos, ao mesmo tempo em que a lança no espaço público. E é justamente aí, na capacidade de fazer circular mensagens e sentidos privados, tornando-os públicos, que se localiza grande parte da assimetria no

poder discursivo. Não é por acaso que as redes de comunicação são um dos principais alvos de quem procura acumular poder. (id. Ibid, 2004, p. 172).

No que diz respeito às informações relativas ao Polo Industrial de Camaçari, dito lá na introdução gerador de 20% do PIB da Bahia e provedor de 90% da arrecadação tributária de Camaçari, que comunidade discursiva estaria mais próxima do centro da espiral e que pode produzir e fazer circular sentidos sociais ou fazer calar outros? Empresários, Poder Público, Cientistas ou Trabalhadores? E a produção científica sobre esse Polo, bem como Sindicatos trabalhistas, de que modo eles reverberam seus discursos no noticiário baiano? São estes lugares na espiral da posição discursiva que se pretende localizar, para cada uma das comunidades discursivas durante a dissertação, de modo que seja possível entender como se dá a circulação e produção de sentidos sobre o polo e como a Saúde é pautada pelo jornalismo local.

A escolha do jornalismo para entender como se dá essa mediação de informações, a comunicação em si, sobre o Benzeno e seus impactos à saúde é justificada pelo fato de que o jornalismo impera como espaço consagrado de mediação da realidade, “a verdade dos acontecimentos (...) (STUMPF e WEBER, 2009. p. 131). Para Wilson Gomes (2009), essa mediação se faz porque o jornalismo se legitima ao longo dos anos por meio do discurso social de atender ao **interesse público**. Ou seja:

“Como o serviço que o jornalismo pode prestar é a **produção e circulação de informações, servir ao interesse público** significaria colocar à disposição do público os repertórios informativos necessários para que ele possa influenciar a decisão política e decisão do Estado, para que possa se valer na esfera política” (GOMES, 2009. p. 79).

O jornalismo, sobretudo, o norteamericano, legitima-se pelo papel de *watchdog*, ou seja, de ser essa comunidade/entidade cuja função é vigiar o Poder Público e tudo aquilo que transborda da esfera do privado e alcança a esfera pública, esse espaço onde se encontram os interesses coletivos e coletivizados (id. Ibid. 2009). O Benzeno passa a chamar atenção da sociedade inglesa no final do século XIX, após dois casos de adoecimento. No Brasil, no início dos anos 80, temos uma “epidemia” (MESQUITA e et al. 2003). Em uma pesquisa rápida, em dois jornais baianos, A Tarde e Correio\*, em suas plataformas digitais, o composto aparece em 18 e 16 matérias, respectivamente, entre a partir de 2008 até 2015. Os casos em que há relação com a saúde abordam a contaminação

na Refinaria Landulfo Alves (estatal), em São Francisco do Conde, nenhuma no Polo de Camaçari.

Entre 1990 e 1991, de acordo com Maria Lígia Rangel (2003), 217 matérias publicadas entre o Jornal A Tarde, Correio da Bahia (atual Correio\*) e a Tribuna da Bahia tratavam sobre o Benzeno, motivados por uma epidemia de Benzenismo, doença crônica motivada pela exposição ao composto aromático, que vinha assolando os polos industriais do Brasil desde o início dos anos 80 e que resultara em afastamento de trabalhadores em ao Polo de Camaçari em 1990. De fato, a legislação brasileira foi alterada e isso repercutiu na mitigação de danos aos envolvidos. Então, se o jornalismo medeia a realidade e o jornalismo não pauta o Benzeno no Polo, isso pode significar que não existe contaminação e ou doenças relacionadas à exposição ao composto ocorrendo no âmbito em estudo.

Porém, para Arline Arcuri e Danilo Costa (2012), ambos pesquisadores do Fundacentro, o que ocorre é a falta de notificação aos casos de contaminação por parte das empresas. Se, como dito na discussão inicial da interdependência, comunicação e informação se necessitam para existirem, a falta de acesso às informações em saúde no Polo permitem que aqueles que lutaram ao longo dos anos tenham sido calados e não encontrem participação na produção de sentidos sobre este assunto.

### 2.3 INTERVENÇÃO: DIMENSÃO PRÁTICA

A informação, quando apropriada e experienciada, torna-se conhecimento, e está intimamente relacionada à liberdade, sendo um “instrumento modificador da consciência do homem”, ter mais informação não necessariamente incide na adoção de medidas, mas no aumento de possibilidade sobre ao agir (BARRETO, 2002). Eis que voltamos ao papel da informação, mas aqui vale frisar o papel de excludente da informação para reduzir a incerteza lançada no tópico anterior (COHN, 2000).

A presença de um sistema de informação em saúde acessível, cuja apuração dos dados sofresse o mínimo de interferências dos interessados (Empresas, Poder Público, Cientistas e Trabalhadores), poderia sanar estas incertezas. Ou apontar como evoluímos ou não nesses quase 20 anos de Acordo Nacional do Benzeno. Os sistemas de saúde conformam arquivos e dados e ajudam na construção de indicadores. Paulo Jannuzzi (2005), “os indicadores apontam, indicam, aproximam, traduzem em termos operacionais as dimensões sociais de interesse definidas a partir de escolhas teóricas ou políticas realizadas anteriormente”. De tal modo, autor completa que esses indicadores ajudam no planejamento

e construção de políticas públicas que promovam justiça social e ambiental. A dissertação que se pretende construir aluz de todas as questões lançadas neste trabalho tem como objetivo consolidar o papel dos sistemas de saúde que tenha dados específicos sobre adoecimentos, afastamento e mortes ligados ao benzenismo.

Pois numa dimensão prática, entendemos que este seria o caminho para monitorar e avaliar a eficácia das políticas públicas e como as empresas estão atendendo às legislações em voltadas para este problema de saúde. Esta seria, pensamos, uma forma de vigilância da saúde do trabalhador e da população do entorno de polos industriais.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desafio de compreender um problema social que está na interface saúde e ambiente parece-nos imprescindível para correlacionar as dinâmicas de trabalho nas indústrias brasileiras. O nosso objeto é um recorte tangível de uma sociedade que precisa ser observada e que aqui chamamos a atenção para o jornalismo como observador, monitorador, mediador e interlocutor de comunidades expostas a diversas situações de saúde. Fica evidente, que este trabalho de dissertação se pautará em produções científicas sobre o Benzeno e ainda aguarda resultados para investigação de sistemas de informações em saúde que poderão subsidiar a dissertação.

Dar conta do silêncio ou de informações ocultadas, ou mesmo mal disponibilizadas, demandará metodologias que consigam abarcar o caráter interdisciplinar deste trabalho e esta é uma das decisões teórica-metodológicas ainda a serem tomadas. O objetivo é ao final propor metodologias ou melhorias nos sistemas de informações em saúde para situação de risco ambiental, os quais sejam sensíveis e específicos para situação de exposição ao Benzeno e, sobretudo, esses sistemas devem ser acessíveis e devem ajudar jornalistas na produção de notícias e os envolvidos na avaliação e construção de uma sociedade mais justa.

### **4. REFERÊNCIAS**

\_\_\_\_\_. A Indústria Química. In: ABIQUIM (Associação Brasileira de Industrias

Químicas). Disponível em: <http://www.abiquim.org.br/pdf/indQuimica/AIndustriaQuimica-Conceitos.pdf>

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007.

ARAÚJO, Inesita Soares de. Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. In: **Interface** – Comunic., Saúde, Educ.v.8, n.14, p.165-77, set-2003-fev.2004.

ARCURI, Arline e CARDOSO, Luiza Maria. **Acordo e Legislação do Benzeno – 10 anos**. In: Fundacentro, 2007. Disponível em: <http://www.fundacentro.gov.br/biblioteca/biblioteca-digital/publicacao/detalhe/2013/3/acordo-e-legislacao-sobre-o-benzeno-10-anos>

ARCURI, Arline e COSTA, Danilo F. **Efeitos da Exposição ao Benzeno para a Saúde**. Fundação. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://fundacentro.gov.br/biblioteca/biblioteca-digital/publicacao/detalhe/2013/2/efeitos-da-exposicao-ao-benzeno-para-a-saude-serie-benzeno-fasciculo-1>, 2012.

BARRETO, Aldo A. **A Condição da Informação**. São Paulo Perspec., v.16, n.3.,2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392002000300010HYPERLINK> "http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392002000300010&script=sci\_arttext"&HYPERLINK "http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392002000300010&script=sci\_arttext"script=sci\_arttext>>.

\_\_\_\_\_. Benzene. In: OSHA. United State Departament of Labor (OSHA). <https://www.osha.gov/SLTC/benzene/evaluation.html>

\_\_\_\_\_. Benzene. In: IARC (Instituto Agency for Researcher on Cancer). Disponível: <http://monographs.iarc.fr/ENG/Monographs/vol100F/mono100F-24.pdf>

COELI, C. M. et al. Sistemas de Informação em Saúde. In: MEDRONHO, R. A. et al. **Epidemiologia**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009.

\_\_\_\_\_. COFIC. Comitê de Fomento Industrial de Camaçari: <http://www.coficpolo.com.br>

COHN, G. Qual a forma da sociedade da informação? In: **PRÁTICAS midiáticas e espaço público**. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2000. P-15-22

ECO, U. Que é uma tese e para que serve e A escolha do tema. In: **Como se faz uma tese**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1983, pp. 1-34.

FREITAS, Carlos M. e Porto, Marcelo F. **Saúde, ambiente e sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

GUIMARÃES, Maria Cristina S e SILVA, Cícera Henrique da. Acesso à informação em saúde: por uma agenda política. Brasília (DF), XII ENANCIB (GT11), 2011. Disponível em:<[http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciguict/3274/1/Guimaraes\\_Silva\\_ENANCIB\\_2011.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciguict/3274/1/Guimaraes_Silva_ENANCIB_2011.pdf)>.

JANNUZZI, P M. Indicadores para diagnóstico, monitoramento e avaliação de programas sociais no Brasil. **Revista do Serviço Público**. Brasília 56(2): 137-160. Disponível em: <<http://www.conei.sp.gov.br/ind/ind-sociais-revista-serv-publico.pdf>>

OLIVEIRA, Valdir de Castro. Comunicação, informação e participação popular nos conselhos de

saúde. **Revista Saúde & Sociedade**, maio a agosto de 2004. Faculdade de Saúde Pública da USP e Associação Paulista de Saúde Pública. Págs. 56/69

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. In: **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>

STUMPF, I.R.C; WEBER, M.H. Comunicação e Informação: conflitos e convergências. In: LOPES, M.I.V (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 121-134.

VIACAÇA, Francisco. **Informações em saúde: a importância dos inquéritos populacionais**. Ciência e Saúde Coletiva, v.7, n. 4, p.607-621, 2002.